

Cronotopo e territorialidade: uma proposta de abordagem das relações de poder nas representações audiovisuais latino-americanas

Cronotopo y territorialidad: una propuesta para abordar las relaciones de poder en las representaciones audiovisuales latinoamericanas

Chronotope and Territoriality: A Proposal to Approach Power Relations in Latin American Audiovisual Representations

ROSANA MAURO

Pós-doutoranda na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (GELiDis), da Universidade de São Paulo (USP), e do Grupo de Estudos Cultura Audiovisual e Tecnologia (CAT), da UFES. Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela USP, Brasil.

Cronotopo e territorialidade: uma proposta de abordagem das relações de poder nas representações audiovisuais latino-americanas

Cronotopo y territorialidad: una propuesta para abordar las relaciones de poder en las representaciones audiovisuales latinoamericanas

Chronotope and Territoriality: A Proposal to Approach Power Relations in Latin American Audiovisual Representations

Rosana Mauro

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

mauro.rosana@gmail.com (<https://orcid.org/0000-0003-1731-202X>)

Recibido: 04-05-2023 / Aceptado: 05-06-2023

<https://doi.org/10.18800/conexion.202301.008>

RESUMO

Este artigo propõe a relação entre os conceitos de *cronotopo*, do teórico russo Bakhtin, e de *territorialidade* — a partir de uma perspectiva decolonial — para analisar ficções audiovisuais latino-americanas, com foco nas relações de poder. Estas se revelam discursivamente, dentre outras formas, em indícios espaço-temporais que, por sua vez, dialogam com contextos sociais extradiagéticos. Em representações urbanas, destacamos a tensão entre o público e privado, enquanto nos ambientes naturais verifica-se a tensão entre a natureza, fundida ao homem representado pelos habitantes nativos, e a civilização, representada pelo homem branco colonizador.

RESUMEN

Este artículo propone la relación entre los conceptos de *cronotopo*, del teórico ruso Bajtín, y *territorialidad* —desde una perspectiva decolonial— para analizar las ficciones audiovisuales latinoamericanas, con un enfoque en las relaciones de poder. Estas se revelan discursivamente, entre otras formas, en pistas espaciotemporales que, a su vez, dialogan con contextos sociales extradiagéticos. En las representaciones urbanas, se destaca la tensión entre lo público y lo privado, mientras que, en los ambientes naturales, existe una tensión entre la naturaleza, fusionada con el hombre representado por los habitantes nativos, y la civilización, representada por el hombre blanco colonizador.

ABSTRACT

This article proposes the relationship between the concepts of *chronotope*, by the Russian theorist Bakhtin, and *territoriality*—from a decolonial perspective—to analyze Latin American audiovisual fiction, focusing on power relations. These reveal themselves discursively, among other ways, in spatio-temporal clues that, in turn, dialogue with extradiegetic social contexts. In urban representations, this article highlights the tension between public and private, while in natural environments there is a tension between nature, merged with the man represented by the native inhabitants, and civilization, represented by the colonizing white man.

PALAVRAS-CHAVE / PALABRAS CLAVE / KEYWORDS

Decolonialidade, espaço-tempo, representação territorial, cronotopo, territorialidade / decolonialidad, espacio-tiempo, representación territorial, cronotopo, territorialidad / decoloniality, space-time, territorial representation, chronotope, territoriality

Este artigo, que faz parte de um projeto de pesquisa de pós-doutorado, discute a pertinência da união entre os conceitos de *territorialidade* e *cronotopo* para tratar, em análises audiovisuais, as relações de poder presentes na América Latina, como as de classe social, gênero e raça¹.

Segundo Haesbaert (2021), a América Latina é um espaço heterogêneo que convencionou-se aglutinar teoricamente por uma série de questões, que envolvem relações raciais e economias periféricas. O teórico destaca “a invisibilidade que a designação comporta em relação à vasta diversidade de povos que habitavam esse espaço antes da colonização” (Haesbaert, 2021, p. 66). Buscamos, assim, refletir sobre as tensões de poder que emergem em representações audiovisuais dessas localidades que são heterogêneas, mas carregam muitas similaridades sob a denominação *América Latina*.

Quais são as semelhanças, diferenças e possibilidades de relações entre os conceitos de *cronotopo* e *territorialidade* para enriquecer as análises na ficção audiovisual latino-americana?

Este artigo busca responder a essa questão com estudo bibliográfico sobre os conceitos e exemplos práticos, extraí-

¹Os conceitos de *território* e *territorialidade* vêm sendo empregados para análises audiovisuais pelo Grupo de Pesquisas em Cultura Audiovisual e Tecnologia (CAT) do programa de estudos sobre Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E o conceito de *cronotopo* é utilizado em análises audiovisuais pelo Grupo de Pesquisa, Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (GELiDis), da ECA/USP (Universidade de São Paulo).

dos de telenovelas, sobre uma possível aplicação analítica. É pertinente frisar a importância cultural da telenovela na América Latina, onde ela foi desenvolvida de modo particular, popularizou-se, ganhou destaque nas grades televisivas nacionais e, também, internacionais, com a exportação. Convém salientar o trabalho que o Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (OBITEL) vem realizando, desde 2005, para a articulação e circulação de pesquisas sobre ficções seriadas ibero-americanas. Participam do observatório a Argentina, o Brasil, o Chile, a Colômbia, o Equador, a Espanha, os Estados Unidos, o México, o Peru, Portugal, o Uruguai e a Venezuela.

Recorte cronotópico e territorial

O conceito de *territorialidade* abarca as relações de poder e as implicações socioeconômicas embutidas nas demarcações espaciais. Tal perspectiva dialoga com autores da geografia, como Haesbaert (2020), cuja visão decolonial sobre a territorialidade latino-americana coloca em debate a identidade de povos originários, relações de gênero e raça, e oferece uma chave interpretativa oportuna para discursos audiovisuais latentes, reveladores de conflitos impostos pela lógica capitalista em espaços urbanos, rurais e naturais no sul do continente americano.

Território e territorialidade não se referem a espaços simplesmente, mas a espaços que sofrem ações de apropriação (Raffes-

tin, 1980/1993) e que estabelecem relações espaciais humanas longe de serem neutras (Sack, 1986/2013). A territorialidade não é estática, como pode parecer quando pensamos em lugares fixos, mas se transforma historicamente: “As funções de mudança da territorialidade nos ajudam a entender as relações históricas entre sociedade, espaço e tempo” (Sack, 1986/2013, p. 63). O próprio termo *territorialidade* supõe movimento, algo em trânsito.

Nessa lógica, Sack (1986/2013) demonstra que os territórios não se restringem a demarcações oficiais como uma nação, estado ou cidade, mas se expandem a diferentes espacialidades que são objeto de disputas de poder, como um lar, um escritório, e até mesmo o corpo humano.

Nas produções audiovisuais, as territorialidades são estabelecidas de diferentes formas, tanto na diegese quanto fora dela (Zanetti, 2017). Neste último caso, pode-se considerar desde a ocupação de um espaço físico para as produções até os arranjos territoriais da indústria do entretenimento e o controle que exercem no mercado. Na diegese, discute-se a produção de territorialidades a partir da apropriação espacial abstrata, com a representação de lugares existentes, de forma realista ou simbólica, e com a composição de espaços imaginários. Vários elementos estéticos fazem parte da construção diegética de espacialidade. Por exemplo, as dimensões do tempo, as vozes — *off*, *over* —, o dentro e o fora de campo, os planos escolhidos e os sons em

suas diferentes formas (Marra e Bernardes, 2021; Zanetti e Ramos, 2017).

Percebe-se que antes da discussão de territorialidade, a diegese requer um tratamento aos espaços ainda livres das relações de poder. Além disso, a temporalidade aparece como uma faceta importante a ser considerada, tanto nos conceitos de *território* e *territorialidade* quanto na espacialidade audiovisual. Assim, o conceito bakhtiniano de *cronotopo* — advindo da literatura, mas incorporado ao audiovisual — emerge como uma possibilidade relacional ao de *territorialidade*.

“Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo”, aclara Bakhtin (1975/2010, p. 211), quem se baseou na teoria da relatividade do físico Albert Einstein para tratar do cronotopo no romance. Trata-se de um centro organizador dos principais acontecimentos da história.

Mungioli (2020) aclara que, para Bakhtin, as relações entre tempo e espaço em uma obra se dão por meio do acabamento temático e estético, em diálogo com seu contexto histórico:

Embora o cronotopo artístico seja apreensível como tal a partir do acabamento temático e estético, cabe enfatizar que não se trata de um mundo à parte do mundo representado. Ao contrário, trata-se de um mundo representado que se constrói dialo-

gicamente e que, por isso, guarda relações dinâmicas e orgânicas com o mundo que se representa. São zonas fronteiriças (Mungioli, 2020, p. 254).

Desse modo, a unidade espaço-tempo de Bakhtin também não é neutra e condiz com a perspectiva trabalhada por ele em toda as suas teorias, que defendem uma linguagem socio-historicamente situada e ideológica por natureza.

O conceito de *cronotopo* advém dos estudos da linguagem e da literatura. Trabalha diretamente com a estética em junção com a ética; os termos *território* e *territorialidade* abrangem outras áreas do conhecimento das ciências sociais, sobretudo da geografia, e propõem diretamente um diálogo político.

Também, ao considerar que o espaço, anterior ao território, deva ser analisado primeiro com a perspectiva temporal na estética audiovisual, acredita-se que a *territorialidade* e o *território* sejam conceitos que remetam necessariamente à extradiegeese e às relações contextuais. Embora estas já fossem previstas por Bakhtin, território e territorialidade trazem maior concretude ao debate com as relações de poder sociais, históricas e físicas, concernentes aos locais de produção, transmissão e de mercado.

O conceito de *cronotopo* foi elaborado por Bakhtin de forma bastante elástica. O autor o apresentou como aspecto organi-

zador de gêneros literários, estruturador de acontecimentos narrativos recorrentes e como substância de espaços físicos simbólicos em certos gêneros literários, entre outras possibilidades aventadas. Desse modo, a interpretação do conceito pelos pesquisadores do tema é igualmente vasta e plural. Inclusive, não existe consenso sobre os tipos de cronotopo elencados pelo autor, que não deixou uma sistematização para a aplicação de sua teoria. Muito pelo contrário, Bakhtin frisou em seus escritos a versatilidade e a abrangência do conceito (Bemong e Borghart, 2010/2015).

Sendo assim, é pertinente delimitar uma perspectiva pela qual trabalhar, por questões metodológicas. A obra *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas* (Bemong et al., 2010/2015) oferece abordagens frutíferas. Selecionamos as ideias trabalhadas por alguns autores do livro mais afins à nossa proposta.

Beaton (2010/2015) versa sobre duas formas de cronotopo possibilitadas por Bakhtin — trans-histórica e baseada em uma poética histórica. A primeira se refere a uma estrutura genérica estática que sobrevive ao tempo. O melodrama pode ser encaixado nessa categoria, enquanto fórmula básica, por exemplo o bem contra o mal. A outra forma, ao contrário, dialoga com o contexto histórico em que a obra está inserida. Ainda que uma mesma obra seja transmitida em dois tempos distantes, o cronotopo de cada exibição

será diferente; o tempo sócio-histórico de produção e de recepção interfere no cronotopo.

Borghart e De Dobbeleer (2010/2015) tratam de um cronotopo documentário que pode estar presente na ficção e não ficção. Eles analisam romances do século XIX e elencam uma série de características que simulam a realidade e delinham o cronotopo documentário; por exemplo, indicadores temporais e geográficos claros, cenas cotidianas, narrativas um pouco estáticas sem grandes reviravoltas e detalhes da vida dos personagens.

Já Collington (2010/2015) realiza um estudo das adaptações do romance *Robinson Crusoe*. O cronotopo é observado pela autora para analisar as transformações espaço-temporais na adaptação. Para isso, ela observa três níveis semânticos: motivos cronotópicos que se referem a dois temas opostos; cronotopos principais que determinam a estrutura narrativa; e como os principais cronotopos se relacionam com o gênero literário do texto. A autora identifica o cronotopo colonial como princípio estrutural de *Robinson Crusoe* de Defoe, do século XVIII. Na verdade, ela argumenta que muitos críticos apontaram esse romance como o prototípico colonial do século XVIII. O plano do protagonista, segundo a autora, na ilha em que se encontra é “tomar uma série de espaços delimitados (o jardim, a plantação, a ilha), e impor-lhes um ritmo agrícola. Vemos a criação de uma plantação colo-

nial, cercada de um ermo hostil, no qual o colono tenta impor ordem” (Collington, 2010/2015, p. 230).

Na adaptação da obra do século XX, Collington trata do cronotopo do limiar, teorizado por Bakhtin. Ele pode se referir a um espaço delimitado literal, como uma ilha; ou metafórico, como duas concepções de mundo antagônicas que dividem a trama ou o personagem.

Pois bem, essas propostas de cronotopo expostas são adequadas para o presente trabalho. Primeiro, o cronotopo trans-histórico nos permite discutir como estruturas genéricas trabalham com problemáticas sociais. No caso do melodrama, base da telenovela, a oposição maniqueísta do bem contra o mal simboliza uma série de valores sociais. Na telenovela e em muitas produções audiovisuais, o cronotopo documentário também está presente. Isso possibilita um diálogo mais direto com a realidade extradiegética, nas representações de localidades reais, referências a momentos históricos ou ao cotidiano contemporâneo.

No âmbito do cronotopo enquanto poética histórica, consideramos o cronotopo colonialista e do limiar. Ambos, de acordo com Collington (2010/2015), carregam dicotomias de poder que, no nosso entendimento, se relacionam com o conceito de *territorialidade*. Haesbaert (2021), em sua perspectiva decolonial, defende um espaço indissociável do

tempo, como o cronotopo. Além disso, as forças de resistência à hegemonia colonialista remetem às tensões dicotômicas espaço-temporais dos cronotopos colonialista e do limiar, considerados por Collington (2010/2015).

Análises

A tese de doutorado de Mauro (2019) — que analisou as novelas *Avenida Brasil*, de 2012, e *A regra do jogo*, de 2015-2016, veiculadas no Globo no horário das 21:00 h — encontrou o cronotopo da trivialidade cotidiana e do espaço público na construção das personagens mulheres da classe popular. Argumentouse no trabalho o vínculo de tais representações com o processo de urbanização de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil. Ambas as tramas são ambientadas no Rio de Janeiro, ainda que a cidade em si não seja muito mostrada nos capítulos. Embora a tese não trate de território e territorialidade, é clara a interface com esses conceitos.

De acordo com Soihet (2015), no fim do século XIX e começo dos XX, a urbanização de cidades brasileiras — nos moldes franceses, burgueses, patriarcais e com foco na propriedade privada — forçou a gentrificação dos centros e a limitação de mulheres de classe média e média alta ao espaço privado. As mulheres pobres foram tidas como públicas por circularem para trabalhar nos lugares que não lhes eram reservados. Elas não contavam com “bons casamentos” e tinham frequentes proble-

mas com policiais e poder público, devido à exposição “inadequada” e ao comportamento diferente das “recatadas e do lar”. Daí advém o estereótipo preconceituoso da mulher pobre indiscreta, “barraqueira”, que expõe o corpo de forma inapropriada e que usa de relacionamentos e do próprio corpo para ter ascensão financeira. A figura da “periguete” encarna essas características com teor humorístico em muitas telenovelas brasileiras, em papéis secundários. Obviamente, não se trata da única forma de representação de mulheres pobres cariocas na telenovela.

As seguintes formas de espacialidade feminina de cunho público estavam presentes na estética audiovisual das novelas estudadas por Mauro (2019): personagens circulando em imagens externas; a simbologia das transparências em ambientes internos e das janelas que expõem e servem de contato com transeuntes; a câmera subjetiva que “espia” momentos íntimos (por exemplo, a personagem depilando as axilas ou vestindo apenas calcinha e sutiã); a câmera se movimentando em *travelling* vertical para captar os corpos femininos; planos detalhe em partes desses corpos; e o fora e dentro de campo. Tais elementos também reforçaram os laços sociais na representação de comunidades e bairros periféricos.

Na literatura, Rancière (2016/2021) localiza dois tempos que se conciliam com as impressões da tese. São eles: o tempo aristocrático da ficção racional aristoté-

lica, das ordens causais; e o comum, da crônica, que emerge no romance realista. O primeiro é reservado para poucas pessoas de destaque social e, de vez em quando, para as comuns, de forma marginal e com viés de comédia. O segundo trata de acontecimentos ordinários e oferece protagonismo a seres humanos “passivos e mecânicos”, chamados assim não pela inatividade, “mas porque toda a sua atividade está encerrada no círculo dos meios que visam aos fins imediatos da sobrevivência” (Rancière, 2016/2021, p. 134).

No caso da telenovela, os acontecimentos ordinários e cotidianos encontrados no cronotopo trivial não fazem parte de uma proposta realista como a comentada pelo autor, e sim, em sua maioria, de núcleos paralelos que servem à descontração. Eles transmitem a sensação de inadequação diante de um ponto de vista hegemônico das classes sociais dominantes. Já nas mocinhas pobres e vilãs arrivistas que são protagonistas, deparamos não com a “crônica”, mas com uma espécie de inversão identificada por Rancière (2016/2021), que coloca o que seria comum em evidência, mas mantém a estrutura causal tradicional.

O cronotopo melodramático como estrutura base da telenovela trabalha com a estrutura básica do reconhecimento da virtude e das origens; por exemplo, a revelação de que a heroína pobre vem, na verdade, de uma família rica, e, portanto, é herdeira de grande fortuna. É o drama

da moralidade, da virtude reconhecida e recompensada (Brooks, 1995). O melodrama democratiza a virtude, argumenta Brooks (1995), a pessoas comuns que conseguem se identificar com as personagens e se sentirem gratificadas. Desse modo, com a personalização do bem e do mal e as ascensões individuais por merecimento, não há espaço para problematizações sociais profundas no melodrama. Porém, cada produção se relaciona inevitavelmente com culturas e realidades locais, revelando tensões sociais nos interdiscursos. A naturalização de posições hegemônicas é um indicativo direto dessas tensões fora da diegese, nas formas de produção da telenovela.

É possível ressaltar na referida pesquisa a tensão entre território público e privado. O público como o contrário da propriedade privada e da individualidade, que mulheres pobres não usufruem. São territórios que marcam as diferenças de classe social e de gênero. O próprio corpo feminino é territorializado pelos poderes patriarcais e capitalistas. Trata-se de um contexto urbano brasileiro de diferenças sociais e violências, que também estão presentes em outros países da América Latina.

Skinner (2016), por exemplo, aborda a literatura na América Espanhola e os jornais destinados às mulheres, entre 1850 e 1910, para analisar as contradições discursivas sobre o papel feminino. A autora argumenta que a ideologia bur-

guesa moderna que ressaltava a função da mulher como “anjo do lar”, importada de outros países e adotada antes mesmo das transformações modernas ocorrerem em termos práticos, revela a tensão e contradição entre o espaço público e privado, sendo esse último o local destinado às mulheres, o que não condizia com a realidade das mulheres pobres, principalmente indígenas e negras, que precisavam circular publicamente para trabalhar. Nos romances, as mulheres que vivem fora do âmbito doméstico são castigadas. A teórica também trata dos conflitos entre velho e novo, rural e urbano. Os romances nacionalistas, demonstra Skinner (2016), trazem ainda uma ideologia conciliatória entre os grupos étnicos locais e a nova América Espanhola branca em formação.

De modo semelhante, problemáticas diversas da urbana emergem em telenovelas que representam o meio ambiente natural, rural ou preservado. Para explorar essas temáticas, a pesquisa de Haesbaert (2020) traz caminhos pertinentes sobre as relações de espaço e tempo que os povos indígenas originários têm com a terra e a natureza na América Latina. São essas relações muito diferentes às de propriedade privada e dos espaços urbanos, distantes do patriarcado e mais próximos de um matriarcal simbólico: “Reproduz-se assim uma concepção recorrente que, em muitas sociedades, enaltece a ‘maternidade’ terrestre e concebe a Terra como um grande ser vivo

que ‘nos pare’ e ‘nos nutre’, num amálgama indissolúvel entre homem e ‘natureza’” (Haesbaert, 2020, p. 85).

É possível observar, em telenovelas como *Pantanal* (Kelly e Monteiro, 2022), transmitida do dia 28 de março ao dia 7 de outubro de 2022, no horário das 21:00 h na Rede Globo, uma apropriação parcial do espaço-tempo dos povos originários, com o apagamento, ao mesmo tempo, de suas identidades. É comum em representações de biomas mais preservados emergir a oposição semântica homem (civilização e progresso) *versus* natureza (força inexplicável com lógicas próprias). Em algumas ocasiões, mitos e lendas populares ganham terreno com a antropomorfização das contradições e dos mistérios naturais. Na telenovela *Pantanal*, há o personagem Velho do Rio, uma lenda que parece existir apenas na novela, mas certamente dialoga com o folclore brasileiro.

Essa figura representa na novela um apagamento indígena e feminino, pois saberes indígenas e femininos ancestrais estão atreladas ao velho, quem é, na verdade, o pai do personagem fazendeiro branco que representa o patriarcado e a propriedade privada, José Leôncio. São várias as dicotomias observadas na trama, mas vamos destacar aqui de forma abrangente a oposição entre o espaço masculino patriarcal e colonial *versus* o espaço feminino conectado com a natureza e povos originários.

Na primeira face da oposição, vemos a dominação do território e a agropecuária. O trabalho de lidar com a boiada é masculino e relacionado a valores de coragem, resistência e tradição. São costumes que passam de pai para filho por gerações. A mulher é mero acessório neste universo. O personagem principal, José Leôncio, e seu pai, no primeiro capítulo, parecem desbravadores nômades que se assentam nas terras do Pantanal. O sobrenome Leôncio é supervalorizado com expressões e ideias do tipo *ser um Leôncio de verdade, mostrar o que um Leôncio é capaz, os Leôncio, provar que é um Leôncio*.

A trilha sonora da novela dialoga igualmente com a lógica colonialista, por afirmação ou contestação. Na música de abertura, também chamada “Pantanal”, de Marcos Viana, cantada por Maria Bethânia (2022), destacam-se os seguintes trechos: “Redescobrimo as Américas quinhentos anos depois / Lutar com unhas e dentes pra termos direito ao depois / O futuro é tão verde e azul / Os filhos dos filhos dos filhos dos nossos filhos verão”. Já na canção “Peabiru”, de Almir Sater (2022), parte da trilha, ressalta-se as partes a seguir: “Quem souber podia me dizer / Onde é que nosso ouro foi / Pau-Brasil, faz tempo que sumiu / Dessa terra tão abençoada / Que entrou em outra jogada / E hoje é tudo soja, milho e boi”; “Nessa imensa faixa de fronteira / Cujo o nome é terra de ninguém / Onde reina e manda qualquer um / Onde o rei pode ser um fora da lei”.

Essa ideia de o Pantanal ser terra de ninguém e, ao mesmo, tempo ter dono é reforçada na novela pelos diálogos. Além disso, a maioria dos personagens veio de outros lugares do Brasil, como Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo e Paraná. Outro ponto pertinente é que o Pantanal é região fronteira com outros países, como o Paraguai, que chega a ser mencionado na trama com uma conotação de lugar sem lei.

Do outro lado da oposição, o povo indígena é citado em uma das músicas mencionadas como um “outro” do passado. Poucas menções são feitas aos indígenas nos diálogos dos personagens. Em duas delas, o vilão Tenório afirma que para recompensá-los basta uma bermuda e uma antena parabólica, em clara referência colonialista que os opõe ao homem branco colonizador interessado em bens materiais.

A personagem Juma faz contraponto ao patriarcado, apesar de ser uma moça branca de olhos claros. Sua mãe Maria Marruá, no início da trama, começa a parecer cada vez mais um bicho e se transforma em onça. É uma mulher desiludida com a humanidade, que perdera todos seus filhos homens violentamente na luta por terras. No nascimento de Juma, Maria pretende abandoná-la no rio, pois não queria mais vivenciar a dor de perder um filho. Porém, por se tratar de uma menina, resolve resgatá-la. Assim, Juma é criada como um bicho, é orientada a

nunca confiar em homem nenhum e desenvolve uma relação muito íntima com a natureza. Ela vive isolada em sua tapera, não sabe o que é Deus e não tem nem sobrenome. A tapera onde Juma mora e a fazenda de Leôncio são simbólicas no sentido de representarem as oposições. Ao iniciar um relacionamento com o filho de José Leôncio, a moça sofre pressão para residir na fazenda e se casar. As palavras *domesticar* e *domar* são com frequência pronunciadas como uma necessidade para mudar o comportamento de Juma.

Muitas outras questões emergem dessa trama, como as dualidades e a grandeza da natureza presentes nos enquadramentos das cenas; imagens idílicas; o diálogo com a linguagem dos filmes americanos de faroeste nas cenas dos peões andando a cavalo; o rio como elemento simbólico; o machismo; e outras tantas. Por motivo de recorte e espaço, deixaremos as outras discussões para um próximo texto. Reconhece-se, enfim, com vistas ao diálogo latino-americano, a necessidade em abrir uma zona de contato com trabalhos realizados por outros países da região.

Considerações finais

Vimos que cronotopo e territorialidade podem servir como elo conceitual e analítico em pesquisas sobre ficções audiovisuais, em representações latinoamericanas e suas relações de poder. A união se mostrou frutífera em uma abordagem inicial. Pretende-se aprofundar as refle-

xões, ampliar o corpus estudado e realizar análises que possam originar um protocolo analítico.

Apesar do conceito de América Latina ser muito amplo, acredita-se ser possível tal diálogo. O fato de o próprio Brasil, muitas vezes, se colocar à parte do contexto latino-americano deve ser problematizado. O propósito dessa pesquisa é focar o que nos une, ou ainda, as diferenças que nos unem.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. (2010). *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance* (Trad. A. Fornoni Bernardini, J. Pereira Júnior, A. Góes Júnior, H. Spryndis Nazário e H. Freitas de Andrade; 6.^a ed.). Hucitec Editora. (Trabalho original publicado em 1975)
- Beaton, R. (2015). Poética histórica: cronotopos em *Leucipe e Clitofonte* e *Tom Jones* (Trad. L. J. Amaral). Em N. Bemong, P. Borghart, M. de Dobbeleer, K. Demoen, K. de Temmerman e B. Keunen (Eds.), *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas* (pp. 80-98). Parábola Editorial. (Trabalho original publicado em 2010)
- Bemong, N. e Borghart, P. (2015). Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas (Trad. O. Borges Filho). Em N. Bemong, P. Borghart, M. de Dobbeleer, K. Demoen, K. de Temmerman e B. Keunen (Eds.), *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. Parábola Editorial. (Trabalho original publicado em 2010)
- Bemong, N., Borghart, P., De Dobbeleer, M., Demoen, K., De Temmerman, K. e Keunen, B. (Eds.). (2015). *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas* (Trad. O. Borges Filho). Parábola Editorial. (Trabalho original publicado em 2010)
- Bethânia, M. (2022). Pantanal [Canção]. Em *Pantanal*. Biscoito Fino.
- Borghart, P. e De Dobbeleer, M. (2015). Elogio ao realismo: cronotopos documentários na prosa ficcional do século XIX (Trad. O. Borges Filho). Em N. Bemong, P. Borghart, M. de Dobbeleer, K. Demoen, K. de Temmerman e B. Keunen (Eds.), *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas* (pp. 102-116). Parábola Editorial. (Trabalho original publicado em 2010)
- Brooks, P. (1995). *The melodramatic imagination: Balzac, Henry James, melodrama, and the mode of excess*. Yale University Press.
- Collington, T. (2015). O cronotopo e o estudo da adaptação literária: o caso de *Robinson Crusoe* (Trad. O. Borges Filho). Em N. Bemong, P. Borghart, M. de Dobbeleer, K. Demoen, K. de Temmerman e B. Keunen (Eds.), *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas* (pp. 220-238). Parábola Editorial. (Trabalho original publicado em 2010)
- Haesbaert, R. (2020). Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, 22(48), 75-90. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100>
- Haesbaert, R. (2021). *Território e colonialidade: Sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na "América Latina"*. CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20210219014514/Territorio-de-colonialidade.pdf>

- Kelly, A. e Monteiro, L. (Produtores). (2022). *Pantanal* [Série de TV]. Estúdios Globo.
- Marra, P. e Bernardes, G. (2021). Som do cinema e imersão espectral em universos de precariedade. Em D. Zanetti, R. Reis e M. Antolini (Orgs.), *Minorias midiáticas. Gêneros, etnias e territórios* (pp. 252-273). Editora UFPel. http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/7891/1/Minorias_Midiaticas_g%C3%AAneros_etnias_e_territ%C3%B3rios_ebook.pdf
- Mauro, R. (2019). *A construção discursiva televisiva da mulher popular na telenovela: um estudo sobre as personagens de Avenida Brasil e A regra do jogo* [Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-11062019-170554/publico/RosanaMauro.pdf>
- Mungioli, M. C. P. (2020). Temporalidade e cronotopo na minissérie televisiva *Se eu fechar os olhos agora*. *RuMoRes*, 14(28), 245-266. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2020.176429>
- Raffestin, C. (1993). *Por uma geografia do poder* (Trad. M. C. França). Editora Ática. (Trabalho original publicado em 1980)
- Rancière, J. (2021). *As margens da ficção* (Trad. F. Scheibe). Editora 34. (Trabalho original publicado em 2016)
- Sack, R. D. (2013). O significado de territorialidade (Trad. R. Mencghetti). Em L. C. Dias e M. Ferrari (Orgs.), *Territorialidades humanas e redes sociais* (pp. 63-89). Editora Insular. (Trabalho original publicado em 1986)
- Sater, A. (2022). Peabiru [Canção]. Em *Do amanhã nada sei*. Cantaville.
- Skinner, L. (2016). *Gender and the rhetoric of modernity in Spanish America, 1850-1910*. University Press of Florida.
- Soihet, R. (2015). Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. Em M. del Priore (Org.), *História das mulheres no Brasil* (pp. 362-400). Editora Contexto.
- Zanetti, D. (2017). Territorialidades no campo do audiovisual. Em D. Zanetti e R. Reis (Orgs.), *Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias* (pp. 35-47). EDUFES.
- Zanetti, D. e Ramos, N. (2017). Ficção e rastros documentais: cotidiano, espaço e território no cinema de Miguel Gomes. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, 44(47), 90-113. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2017.125130>

Autor correspondiente: Rosana Mauro
(mauro.rosana@gmail.com)

Roles de autor: Mauro, R.: conceptualización; metodología; investigación; escritura - borrador original; escritura, revisión y edición; visualización

Cómo citar este artículo: Mauro, R. (2023). Cronotopo e territorialidade: uma proposta de abordagem das relações de poder nas representações audiovisuais latino-americanas. *Conexión*, (19), 181-196. <https://doi.org/10.18800/conexion.202301.008>

Primera publicación: 26 de junio de 2023
(<https://doi.org/10.18800/conexion.202301.008>)

Este es un artículo de acceso abierto distribuido bajo los términos de [Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](#), que permite el uso, la distribución y la reproducción sin restricciones en cualquier medio, siempre que se cite correctamente la obra original.